

Freire

Lição do combate sereno

João Gilberto Noll

Quando cheguei bem jovem no Rio, vindo do sul, no fim dos anos 60, parcelas do meio que eu freqüentava eram povoadas por figuras ligadas de uma forma ou outra ao



Partidão, que na época costumava ser chamado na intimidade de *clube* — uma espécie de codinome que ajudava a driblar (mesmo que apenas simbolicamente) a atmosfera persecutória daquele período.

Através de velhos jornalistas que trabalhavam nas redações dos principais jornais da cidade, de alguns amigos sobretudo de Niterói (esse fato geográfico seria mera coincidência ou teria alguma significação história?), através de gente enfim relacionada com o PCB e que não estava nas masmorras nem no exílio, eu aprendi a respeitar este horizonte partidário, principalmente talvez porque dele emanava uma preocupação constante com o destino cultural do país.

E esta foi a nossa experiência por quase toda a década de 70: no meio do obscurantismo político dominante, não era oportuna de nossa parte a relevância crítica aos dogmatismos ideológicos de vertentes clandestinas, como era o caso do Partido Comunista. Foi com o relax político dos 80 que a gente pode conquistar o conforto de por as manguinhas críticas de fora, tendo nos últimos anos para nos homologar nessa tarefa tantos aspectos das *perestroikas* além-mar.

É neste processo de desdogmatização que surge o candidato Roberto Freire — a mais completa tradução desses momentos de reavaliação, eu diria, filosófica dos PCs.



Freire, com Chico Buarque: o PC de cara nova

Cont. 999

Dos presidenciáveis é o homem com mais pendor para ouvir; aquele que nos debates televisivos mais recorre ao sentido parlamentar de todo verdadeiro diálogo político. Diantes dos esgares cínicos de Caia-do, Freire por vezes parece que vai perder o controle mas logo se recompõe, solta um suspiro, e segue em frente tentando desenhar a sua clareza diante do ferrenho adversário.

Talvez seja este combate sereno que tenha cativado certas áreas para o discurso do político pernambucano. Mesmo que muitos desses simpatizantes por diversas razões não votem nele, ele fica nesse caso como uma espécie de reserva moral.

Esta estima certamente é a resposta a um político que não se pauta por um tom apoplético, personalista, arcaico. Ele protagoniza um novo enquadramento político, que propaga um ardor ritmado, onde o foco recai bem mais sobre a exposição das idéias do que sobre a encenação.

Se ao pensar em Roberto Freire eu falo em coisas como reavaliação filosófica é porque realmente não se trata de nada aquém: este o significado da convicção que o candidato parece ter de que a tensão democrática não pode ser vista como mero instrumento estratégico — posto que esta tensão é o que pulsa pelas liberdades conquistadas e por outras até aqui impensadas.

É bom que eu lembre a mim mesmo que o meu voto irá para Lula, e mais do que Lula, para o PT — o movimento partidário que ao meu ver melhor representa neste instante um avanço indiscutível de abrangência política na base social do país. Mas isso jamais impedirá que eu reconheça: a partir desta eleição Roberto Freire terá cumprido extraordinariamente bem a sua tarefa maior: fazer da herança comunista uma ponte visível para o poder dos que aspiram a outro estado de coisas.